

A PRODUÇÃO DE SENTIDO NA FALA E NA ESCRITA¹

Resume

Ce travail présente les résultats d'une recherche sur les caractéristiques et les usages de l'oral et de l'écrit, à partir de l'analyse de quelques manifestations de l'hétérogénéité énonciative: le discours rapporté, l'usage des guillemets et le métadiscours du locuteur. Les résultats montrent qu'on ne peut montrer caractéristiques et usages que dans les genres discursifs.

Palavras-chave: fala-escrita; gêneros discursivos; heterogeneidade.

Nesta comunicação, apresentamos alguns resultados de pesquisas sobre a *heterogeneidade enunciativa*, um dos fenômenos constitutivos da produção de sentido na fala e na escrita. Analisamos o *discurso reportado*, o *uso de sinais tipográficos* e os *comentários metadis-cursivos* do locutor, que são integrantes do comportamento verbal e das atividades lingüísticas usuais.

Para uma melhor compreensão do trabalho, é importante situar a nossa abordagem: consideramos os discursos como eventos, produzidos numa enunciação dialógica única, singular, como respostas de locutores confrontados a necessidades de comunicação específicas (Françóis, 1993b). Nessa perspectiva, a elaboração discursiva é vista como um processo de retomada-modificação, sendo a presença de outras enunciações no seio de um discurso fundamental na construção e na interpretação do sentido.

O *discurso reportado* foi analisado em dezessete gêneros²: conversações espontâneas, conversações telefônicas, conferências, aulas, entrevistas coletadas para fins de pesquisa, entrevistas publicadas na imprensa, cartas de diversos tipos (pessoais, comerciais, de leitores para revista semanal,

de escola para pais de alunos), bilhetes, atas, editoriais, notícias de jornais, resumos, artigos científicos. A análise desses gêneros apontou os seguintes resultados:

1. A citação faz parte do funcionamento discursivo e assume as mais variadas formas, tanto na fala quanto na escrita, não se esgotando nas três formas gramaticais *discurso direto*, *discurso indireto* e *discurso indireto livre*.
2. A citação é inextricavelmente ligada ao contexto que cria uma situação e as condições para a interpretação do discurso citado. Trata-se de uma questão de contexto e de recepção, interessando o que o locutor faz com a fala alheia (ou própria em outro contexto), uma vez que toda retomada serve a um propósito numa situação sócio-histórica específica.
3. Há mais *citação direta* na fala do que na escrita, sendo o verbo *dizer* o diferencial das duas modalidades por ser o mais utilizado para introduzir a citação na fala. Na escrita, há uma maior variedade de verbos usados como *discendi*.
4. O uso da citação está ligado ao gênero discursivo: na fala a frequência de citações é maior na conversações espontâneas do que em elocuições formais (as aulas e as conferências analisadas contêm poucas citações).
5. A *citação direta*, na fala, está também estreitamente relacionada ao *tópico* e ao tipo textual – *narrativo*, *argumentativo* e *explicativo*. A citação é mais freqüente nas conversações familiares, onde predominam *narrativas* e *relatos* de acontecimentos e de conversas anteriores, quer dizer, fala-se do que disseram e fizeram as pessoas presentes ou conhecidas do grupo. Nas entrevistas do NURC, onde os interlocutores estão mais voltados para o conteúdo do que para rela-

¹ Esse trabalho vem sendo desenvolvido no âmbito do Projeto Integrado *Fala e Escrita: Características e Usos III*, financiado pelo CNPq, processo 523612/96-6.

² Estamos utilizando o conceito de gênero tal como foi formulado por Bakhtin (1997) no ensaio *Os gêneros do discurso*.

ção interpessoal (o tema é previamente dado aos participantes), predominam as seqüências *argumentativas*, e a citação é mais empregada com a função de ilustrar pontos de vista.

6. Nos *gêneros acadêmicos*, ao se retomar outra voz, indica-se a fonte do discurso, por meio das mais diversas formas: segundo X, como diz X, como dizia X, para X, como exprimiu X, X mostra que, X nota que, X diz, X considerou, X deixou indicada a necessidade de, etc., bem diferentes dos modelos canônicos de discurso direto e indireto tão trabalhadas nos livros didáticos. Além dessas formas, encontram-se parágrafos inteiros citados, aspeados ou em itálicos com indicação da fonte numa nota de rodapé. Nesses casos, o discurso do outro se acomoda ao contexto narrativo, funcionando como elemento seqüencial, construtor do texto. Algumas vezes, o *discurso atributivo* (discurso introdutor da citação) vem posposto ao verbo, o que faz com que a voz do autor citado se misture com a do narrador.
7. Nas *notícias jornalísticas*, há uma grande diversidade de verbos introdutores das vozes, revelando os atos de fala realizados: prometer, alegar, concluir, confessar, confirmar, contar, defender, dizer, lembrar, pedir, perguntar, revelar, etc., assim como as formas empregadas no texto acadêmico: segundo X, para X, na opinião de X, etc. Nas reportagens de revistas semanais, sobretudo nos relatos de fatos diversos (crimes, fofocas sobre celebridades, etc.), o discurso atributivo que apresenta o discurso direto designa, além daquele que fala e seu ato de fala, o tom empregado, a mímica e os gestos, como na ficção.
8. Nas *atas*, cuja função é relatar os tópicos debatidos em reuniões, a preferência é pelo *discurso narrativizado*, enquanto nos textos jornalísticos e científicos, há formas simples e mistas (casos em que se inicia com um discurso indireto e continua-se com um discurso direto).
9. No *texto ficcional*, as vozes das personagens são precedidas por uma lexicalização dos elementos não verbais e situacionais da comunicação: o narrador revela a qualidade da voz do personagem, a direção do olhar, a atitude em relação ao outro, gestos e movimentos corporais (de acordo com a temática e com a atitude dos personagens). A descrição dos elementos não verbais, no mais das vezes, levam à elipse do verbo *discendi*. O *discurso atributivo* assume assim o valor de uma glosa, de um metadiscorso, ajudando o leitor no seu trabalho interpretativo.
10. Há textos monovocais - bulas, receitas, informes, editais, avisos, notas de esclarecimento, requerimentos, regulamentos - cartas comerciais, sendo a plurivocalidade constitutiva da maioria dos gêneros discursivos analisados.

A heterogeneidade enunciativa, que se manifesta no uso de sinais tipográficos e do metadiscorso do locutor, além do discurso reportado, foi analisa-

da do ponto de vista das relações entre fala e escrita. Nos estudos realizados constatamos que:

c x a c a

1. A heterogeneidade que se maniipogricc7ilho int2tno128.984

dos gênermoimntensa foi a, retis das

d

9. Os elementos paratextuais – nome do autor, título, subtítulo e a estrutura visual - também funcionam como metalinguagem implícita, indicando o gênero discursivo. O nome do autor, por exemplo, remete a um conjunto de discursos do próprio autor, e conseqüentemente ao gênero. Os acompanhantes não verbais que compõem a estrutura visual – pontuação, diagramação, forma da letra, são sistemas semiológicos legítimos. A carta, a ata, o horóscopo, o requerimento, o edital são exemplos típicos da relevância desse dispositivo. Vê-se portanto como a imagem do texto funciona como elemento metagenérico essencial.
10. Nos diálogos, o olhar, os encadeamentos entre os turnos, as repetições da fala do outro, os movimentos discursivos de apresentação ou de retorno sobre si, para se recolocar em um dado contexto funcionam como uma *metalinguagem implícita*, ou seja, como “comentários do que o outro ou o próprio falante acaba de dizer” (François, 1993b: 110-111). Essa noção de metalinguagem implícita também está presente nos trabalhos de Watzlawick et al., para os quais o comportamento, e não apenas o discurso, tem valor de metamensagem.

Esses resultados mostram também que não se pode observar a relação fala–escrita, senão nos gêneros discursivos em que a linguagem se realiza. É nessa perspectiva que vamos dar continuidade ao estudo das características e usos da linguagem, concebida como atividade cognitiva, social e histórica. Trata-se de ampliar e aprofundar o quadro de análise da retomada de um discurso e de sua interação com outro discurso, fenômeno que tem hoje na literatura uma grande diversidade terminológica: citação, discurso reportado, polifonia, intertextualidade, retomada, reformulação. Parece-nos, contudo, que ainda resta muito a explorar e a dizer sobre essa relação entre palavras, pontos de vista, reveladora da relação a outrem, do diálogo entre sujeitos.

O projeto elaborado para os próximos dois anos visa a analisar a dinâmica dessa interação diacronicamente, a fim de descrever o significado das mudanças nos modos de apreensão e transmissão do discurso; e a identificar as relações entre contexto e discurso de outrem, correlacionando com os gêneros, incluindo o ficcional.

Vejamos dois textos publicados na imprensa, uma de 1850 e outro de 1995:

1. Jornal *O Commercial*, ano de 1850³

“Srs. redactores - Tendo eu ha 17 para 18 annos, um escravo de nome Manoel, fugido, e tendo sido ha tempos preso no centro da

cidade da Parahiba do Norte, os apprehendedores interrogando o dito escravo, elle disse que seu Senhor era eu, como de facto sou, os apprehendedores trataram de m’o trazer, porem passando pelo logar Poeirras, e pelo sitio Bebedor, propriedade do capitão Manoel Pereira de Mello, este fez logo tenção de se aposar do escravo, fosse porque meios fosse, como de facto assim succedeu, passando o dito Pereira recibo aos apprehendedores, que ficava com elle, e dizendo que mandaria saber de mim se o queria vender, e do contrario m’o remetteria, o que até hoje ainda não fez, pois o que queria era pilhar o negro, e como os apprehendedores o não entregassem de muito boa vontade, trataram de me participar do corrido, pelo Sr. João Victorino, a quem immediatamente dei todos os poderes, e escrevi ao dito Mello para entregar o meu escravo, o que elle não quiz executar, depois disto autorisei com todos os meus poderes ao Sr. José Lopes de Sampaio, que lá foi por duas vezes, e até em uma della, levou uma carta de um mano do mesmo Mello, dizendo-lhe, que não pozesse duvida alguma em entregar o escravo, então o Sr. Mello nesta occasião mandou armar o escravo de bacamarte e faca de ponta, e disse então ao Sr. Sampaio que o prendesse, o que não pôde executar a vista do perigo em que se ia metter, pois bem conhecia quaes eram as intenções desse homem, portanto, o abaixo assignado protesta ir contra o dito Sr. Mello com todo o rigor da lei, caso quanto antes não lhe remetter o seu escravo, visto ter tomado o dito escravo e ficar por elle responsavel.

O abaixo assignado roga encarecidamente aos Illms. Srs. juizes competentes, delegados e subdelegados do mesmo districto, para que sendo o dito escravo capturado, possa o abaixo assignado apresentar os seus titulos e receber o seu escravo.

O escravo tem os signaes seguintes, 35 annos de idade, altura regular, corpo mais secco que grosso, rosto tirado, côr entre-fula e preta, bem feito de pés e mãos, tem um taco pequeno tirado na orla de uma das orelhas, e a letra A queimada com ferro em cima de um dos peitos. O dito escravo parece crioulo, por ter vindo de Angola muito pequeno, pois é nação Benguella.

Antonio Coelho da Silva”

³ Esse texto e outros publicados na imprensa nesse mesmo período foi recolhido e nos foi gentilmente cedido pelo prof. Marlos de Barros Pessoa.

2. “Internacional

Recife, 9 de julho de 1995, domingo

Europa

Rússia prioriza segurança na Chechênia

O presidente ordenou a mobilização permanente de soldados na região

MOSCOU - O decreto do presidente russo, Boris Yeltsin, sobre a mobilização permanente de milhares de soldados na Chechênia, que aparentemente contradiz o tratado CFE (sobre redução de forças convencionais na Europa), confirma que a Rússia prioriza sua segurança nacional em detrimento de suas obrigações internacionais.

A criação de uma Divisão do Exército no Cáucaso-Norte, «devido à instabilidade da situação chechena», foi decidida no dia 26 de abril passado e, embora não tenha surpreendido excessivamente, o projeto de instalação de semelhante força - uma Divisão de Exército russo pode ter até 25 mil homens - caiu como um balde de água fria nos países da Aliança Atlântica signatários do CFE.

Moscou pede há meses uma revisão do tratado - firmado em 1990, antes da extinção do Pacto de Varsóvia - com a finalidade de aumentar o limite de forças que era autorizado a concentrar em suas fronteiras meridionais. (*Jornal do Commercio*)

Embora sejam dois gêneros bem distintos, vemos que a fala alheia é constitutiva dos textos da imprensa. Sem entrarmos nos problemas de pontuação e de constituição do parágrafo na carta às autoridades, um gênero da imprensa do século passado, vemos que as palavras de outrem são todas introduzidas de forma explícita por *dizer que* e fazem parte do relato que compõe a argumentação do texto. A notícia do *Jornal do Commercio* serve para divulgar o discurso do governo da Rússia em relação a Chechênia, veiculado num decreto. Como é comum na imprensa, temos alguns verbos performativos que fazem menção à fala e não se sabe, em alguns casos, se é uma interpretação dos atos de fala realizados (ordenou, confirma, prioriza, pede) ou se ele retoma esses verbos de um discurso anterior. A forma híbrida (A criação de uma Divisão do Exército no Cáucaso-Norte, «devido à instabilidade da situação chechena», foi decidida no dia 26 de abril passado) é uma das particularidades da imprensa que merece um exame mais detido com vistas a sistematizar os efeitos de sentido produzidos por essas “ilhas textuais” (Authier, 1978, apud Cunha, 1992).

Os fragmentos abaixo ilustram a diversidade de formas de interação entre contexto narrativo e discurso de outrem na ficção:

3.

“Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, Ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou que eu tinha, medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

- Errou! interrompeu Camilo rindo.

- Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria... Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois repreendeu-a; disse que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo e depois...

- Qual saber! Tive muita cautela, ao entrar na casa.

- Onde é a casa?

- Aqui perto, na Rua da Guarda Velha, não passava ninguém nessa ocasião.

Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez.

- Tu crês deveras nessas cousas? Perguntou-lhe?

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.” (Machado de Assis, 1991: 75)

No conto *A cartomante*, a fala das personagem é marcada visualmente por travessões. Nesse gênero, há várias instâncias enunciativas: (1) o discurso do narrador; (2) o das personagens; (3) a citação pelo narrador de um intertexto (Hamlet) na forma indireta (Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia.) (4) a citação direta de fala feita pelo personagem, marcada por aspas (Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...”). Temos, portanto, vários níveis de enunciação sendo necessário analisar a hierarquização dessas instâncias na construção do sentido do conto.

4. “O céu cinzento, onde ainda brilhava pálida e fria a última estrela da noite, ganhava tonalidades rosas anunciando o sol, aqui e ali manchas de azul. *Foi assim mesmo quando deixei Duas Pontes não faz tantos anos assim, a lembrança, a memória é que esticam o tempo.* Quando ele abandonou o seu pequeno mundo antigo, deixava o cálido e placentário casulo materno e ia sozinho enfrentar o mundo selvagem e violento do internato em São Mateus, onde começaria o seu aprendizado de homem, tão doloroso agora na memória. Ao contrário do que pensava, ele não era ainda um homem completo, faltava muito a aprender, mal completara dezoi- to anos.” (Dourado, 2000: 9)

5. “Desamparado, no meio da rua, sentindo que o chão lhe fugia debaixo dos pés, tentou conter a aflição que lhe subia pela garganta. Agi- tava as mãos à frente da cara, nervosamente, como se nadasse naquilo a que chamara um mar de leite, mas a boca já se lhe abria para lançar um grito de socorro, foi no último momento que a mão do outro lhe tocou de leve no braço, Acalme-se, eu levo-o. Foram andando muito devagar, com o medo de cair o cego arrastava os pés, mas isso fazia-o tropeçar nas irregularidades da calçada, Tenha paciência, já estamos quase a chegar, murmu- rava o outro, e um pouco mais diante pergun- tou, Está alguém em sua casa que possa to- mar conta de si, e o cego respondeu, Não sei, a minha mulher ainda não deve ter vindo do trabalho, eu hoje é que calhei sair mais cedo e logo me sucede isto, Verá que não vai ser nada, nunca ouvi dizer que alguém tivesse fi- cado cego assim de repente, Que eu até me gabava de não usar óculos, nunca precisei, Então, já vê.” (Saramago, 1996: 13-14).

Nos escritores contemporâneos, os procedi- mentos de integração de discursos não obedecem a nenhuma norma. No início do livro de Autran Dou- rado, *O artista aprendiz*, a voz do narrador é inter- rompida pela voz do personagem, marcada pelo itá- lico, que transmite um discurso interior, com lembranças de outros momentos da sua vida. Já Saramago surpreende o leitor iniciante com a pas- sagem de um discurso para outro (do narrador para o das personagens), passagem marcada o mais das vezes apenas com a maiúscula. O discurso do narrador e o discurso alheio se seguem quase se fun- dindo num todo.

6. “Durante meses, atracado ao telefone, pedia: - “Vem, querida, vem!”. Rosinha, que era uma ner- vosa, uma irritada, tinha vontade de explodir:

- Escuta, Agenor! Pelo amor de Deus! Já não te disse, ah, criatura! Será quê. Escuta. Você não é capaz de um amor espiritual?

E o rapaz:

- Sou, mas... Uma coisa não impede a outra. Você é matéria e espírito. – E insistia: - Não é matéria e espírito?

Ela acabou perdendo a paciência:

- Você só pensa em sexo!

Agenor danou-se também:

- Minha filha, não fui eu que inventei o sexo. De mais a mais, escuta. O sexo pode ser su- blime, entendeu? Sublime! Por que é que nós estamos no mundo? – E concluiu, triunfante: Por causa do sexo! (Rodrigues, 1995: 16)

7.

Mergulhou o rosto nas duas mãos, soluçando:

- Então, como é que Arlete vai morrer nessa viagem besta? Como?!...(Rodrigues, 1995: 7)

8.

Apertando a cabeça entre as mãos, encheu a sala:

-Sabem o que é que me dana? Hein? Sabem? interpelava os presentes (Rodrigues, 1995: 7)

9.

Debateu-se nos braços que procuravam contê-lo: “Eu quero morrer também, oh, meu Deus!...” (Rodrigues, 1995: 7)

Em 6, pode-se constatar a inseparabilidade do discurso citado e do contexto narrativo, este último revelando a atitude das personagens (“atracado ao telefone, pedia ; tinha vontade de explodir; Ela aca- bou perdendo a paciência; Agenor danou-se tam- bém”), temática de uma situação difícil, tensa, de conflito. Nos exemplos 7, 8, e 9, o discurso atri- butivo inclui gestos e movimentos corporais, que desenvolvem a temática do desespero da person- agem. É interessante notar que essas descrições dos elementos não-verbais, freqüentemente levam a eclipse do verbo dizer. Os exemplos acima ilustram a riqueza de elementos não-verbais da comunicação que fazem parte dos procedimentos de interação entre discursos.

A análise desses fragmentos revela que a es- colha de tais formas produzem efeitos de sentido em relação a cada situação, à identidade das perso- nagens, ao ponto de vista da personagem ou do narrador, à temática da narrativa. É esse tipo de aná- lise (num contexto mais amplo) que desenvolveremos na pesquisa, com vistas a conhecer melhor a diversidade dos procedimentos de interação dos dis- cursos, em diferentes gêneros, considerando que quando se trabalha com a linguagem, e não com a língua estudada pela lingüística estrutural, interessa descrever a diversidade de formas nos mais diver- sos usos da linguagem.

Bibliografia

- ADAM J.-M. (1992) *Les textes: types et prototypes - récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris, Nathan.
- AUTHIER, J. _____ (1981) "Paroles tenues à distance". *Matérialités discursives* Presses Universitaires de Lille.
- Authier-Revuz, J. (1982b) "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours". *DRLAV* 26.
- _____ (1995) *Ces mots qui ne vont pas de soi - boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris, Larousse.
- _____ (1998) *Palavras incertas. As não coincidências do dizer*. Tadução brasileira, Campinas, Ed. da UNICAMP.
- Bakhtin, M. (1997) *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes.
- _____ (1981) *Problemas da poética de Dostoïevski*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária (1ª ed. 1929).
- BAKHTIN, M. (1993) *Questões de Estética e de Literatura*. 3ª ed. S. Paulo, UNESP /Hucitec.
- BAKHTIN, M./Volochinov, V. N. (1995) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ª ed. São Paulo, Ed. Hucitec (1ª edição, 1929).
- BORILLO, A. (1985) "Discours ou metadiscours?" *DRLAV*, 32.
- CANVAT, K. (1996) "Types de texte et genres textuels. Problématique et enjeux". *Enjeux*, 37/38.
- CUNHA, D. de A. C. da (1992) *Discours rapporté et circulation de la parole*, Leuven/ Louvain-Neuve, Peeters/Louvain-la-Neuve.
- _____ (1997) "A valorização do discurso citado no ensino de línguas". *XIX Congresso da Federação Internacional dos Professores de Línguas Vivas*. Recife (mimeo).
- _____ (1998) "L'auto-reprise dans la construction du sens" In Caron, B. (ed) *Proceedings of the XVI International Congress of Linguists*, Amsterdam/New York, Elsevier Science (CD-ROOM)
- _____ (1998) "Vozes e gêneros discursivos na fala e na escrita". *Investigações - Lingüística e Teoria Literária*, Recife, UFPE, vol. 8.
- CUNHA, D. de A. C. da/Sá, M. da P. M. de (1995) "A heterogeneidade de gêneros discursivos no espaço conversacional", in *Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino*, Macaíó, EDUFAL.
- COSNIER, J./Brossard, A. (1984) "Communication non verbale: co-texte ou contexte?" in *La communication non verbale*. Neuchâtel, Paris, Delachaux & Niestlé.
- DOURADO, Autran (2000) *Um artista aprendiz*. Rio de Janeiro, Rocco. (1ª ed. 1989)
- FRANÇOIS, F. (1993a) "Oral et écrit: affinités, contradictions, interaction". In *Les entretiens nathan - Parole, écrit, image*. Paris, Nathan, p. 69-85.
- _____ (1993b) *Pratiques de l'oral*. Paris, Nathan.
- _____ (1994) "Metalangage, folie, interprétation. Quelques remarques sur Perceval le fou, autobiographie d'un schizophrène". In *Calap*, 12, p. 99 -122.
- GAULMYN, M.-M. (1987) "Reformulation et planification metadiscursives". *Décrire la conversation*, Cosnier et Kerbrat-Orecchioni (eds), Presses Universitaires de Lyon.
- _____ (1983) *Les verbes de communication dans la structuration du discours* Thèse d'Etat, Université de Lyon, Université de Paris VIII.
- GELAS, Nadine (1988) "Dialogues authentiques et dialogues romanesques" in *Echanges sur la conversation*. Paris, Ed. du CNRS.
- LORDA, C.U. (1997). "La relation des déclarations politiques: hétérogénéités et mise en scène de la parole", *Pratiques*, 49.
- MACHADO DE ASSIS (1991) *Contos*. 16ª ed. São Paulo, Ática.
- MARCUSCHI, L.A. (2000) *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife (mimeo).
- MOREL, M.-A. (1985) "Etude de quelques réalisations de la fonction métadiscursive dans un corpus d'échanges oraux". *DRLAV*, 32.
- PRINCE, Gerald (1978) *Le discours attributif et le récit*. Poétique, 35.
- RODRIGUES, N. (1995) *A vida como ela é... - O homem fiel e outros contos*. 6ª ed. São Paulo, Companhia das Letras.
- ROSIER, L. (1999) *Le discours rapporté - histoire, théories, pratiques*. Paris, Bruxelles, Duculot.
- SALAZAR-ORVIG, A. (1999) *Les mouvements du discours - style, référence et dialogue dans des entretiens cliniques*. Paris, l'Harmattan.
- SARAMAGO, José (1996), *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo, Companhia das Letras, 1ª reimpressão.
- WATZLAWICK, P., Beavin, J., e Jackson, D. (1986) *Uma pragmática da comunicação humana*. São Paulo, Cultrix, (1ª ed. 1967).